

LEITURA DE GÊNEROS DISCURSIVOS MULTIMODAIS EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

HEITOR GRIBL (UNICAMP).

Resumo

Este trabalho visa apresentar as reflexões realizadas durante a pesquisa de mestrado sobre os limites e as fronteiras dos termos “multimodalidade” e “multissemiose” ao investigar materiais impressos em um enfoque enunciativo–discursivo sobre as propostas de leitura de textos verbais e não–verbais em Livros Didáticos de Língua Portuguesa que participaram da avaliação do PNLD/2008. A apresentação é baseada na pesquisa sob o título: “Atividades de Leitura de Textos em Gêneros Multi– e Intersemióticos em Livros Didáticos de Língua Portuguesa”. Consoante aos interesses da Linguística Aplicada, as questões investigadas neste trabalho estão relacionadas à seleção da coletânea de textos das coleções voltadas à comunidade escolar e à abordagem pedagógica que os LDP oferecem nas atividades de leitura de textos multi– e intersemióticos, além da investigação das diferentes estratégias didáticas oferecidas/favorecidas nas seções de leitura desses gêneros. Considerando que as coleções didáticas têm utilizado maior quantidade de imagens a partir dos avanços tecnológicos referentes aos recursos gráficos e seu barateamento na impressão em cores, é preciso investigar quais imagens têm sido escolhidas para compor a antologia de textos dos LDP e qual tem sido o uso didático destas imagens articuladas com o aprendizado de leitura. Sabe–se que o termo “multimodalidade” está bastante difundido em trabalhos acadêmicos para referir–se aos estudos que envolvem textos verbais escritos e imagens, entretanto, o termo ainda carrega consigo a herança teórica da dicotomia entre modalidades (advindas da oral–escrita, por exemplo). No entanto, estabelecer relações de sentido entre dois ou mais sistemas sígnicos/simbólicos pode também ser tratado como multissemiose, como alguns trabalhos fazem (Xavier, 2004, por exemplo). Para definir, assim, quais semioses e quais linguagens estão envolvidas nas coletâneas de Livros Didáticos de Língua Portuguesa, cabe discutir os prefixos uni–, multi–, inter–, baseado na tese de Buzato (2007) e para discutir modalidade e semiose, baseio–me em Barthes (1961, 1964), Santaella (2001), Kress (2003) e Lemke (2002).

Palavras-chave:

Leitura, Multimodalidade, Livro Didático.

Apresentamos neste artigo as reflexões realizadas durante a pesquisa realizada durante mestrado (GRIBL, 2009) sobre os limites e as fronteiras dos termos “multimodalidade” e “multissemiose” ao investigar materiais impressos em um enfoque enunciativo–discursivo. A proposta não é defender o uso de um ou outro termo, mas elaborar os conceitos de maneira mais precisa no contexto da investigação de materiais impressos.

Consoante aos interesses da Linguística Aplicada, as questões investigadas neste trabalho estão relacionadas à seleção da coletânea de textos das coleções voltadas à comunidade escolar e à abordagem pedagógica que os LDP oferecem nas atividades de leitura de textos multi– e intersemióticos, além da investigação das diferentes estratégias didáticas oferecidas/favorecidas nas seções de leitura

desses gêneros e de seus funcionamentos. Considerando que as coleções didáticas têm utilizado maior quantidade de imagens a partir dos avanços tecnológicos referentes aos recursos gráficos e, conseqüentemente, do seu barateamento na impressão em cores, é preciso investigar quais imagens têm sido escolhidas para compor os LDP e qual tem sido o uso didático dessas imagens articuladas com os textos e com o aprendizado de leitura.

Sabe-se que o termo "multimodalidade" está bastante difundido em trabalhos acadêmicos para referir-se aos estudos que envolvem textos verbais escritos e imagens, entretanto o termo ainda carrega consigo a herança teórica da dicotomia entre modalidades (advindas da oral-escrita, por exemplo), tendo sido ampliado seu uso pelo prefixo multi-para abordar outras formas de linguagem. Entretanto, estabelecer relações de sentido entre dois ou mais sistemas sígnicos/simbólicos pode também ser tratado como multissemiose, como alguns trabalhos fazem (Xavier, 2004, por exemplo).

Para definir, assim, quais semioses e quais linguagens estão envolvidas nas coletâneas de Livros Didáticos de Língua Portuguesa, cabe discutir os prefixos uni-, multi-, inter-, baseado na tese de Buzato (2007) e para discutir modalidade e semiose, baseio-me em Barthes (1961,1964), Santaella (2001), Kress (2003) e Lemke (2002).

Nos livros didáticos impressos, estamos diante de semioses diferentes, articuladas de maneira híbrida ou intercalada (BAKHTIN, 1952-1953; FRIEDMAN,2002), em sua forma composicional para construir o sentido do enunciado nos gêneros apresentados pelas coleções didáticas. Assim, de acordo com a maneira em que se articulam as linguagens dos gêneros discursivos presentes nas coleções didáticas, passamos a utilizar o termo multissemiose para os casos em que as diferentes semioses são apresentadas de maneira intercalada (ou em relação de ancoragem, segundo Barthes), enquanto o termo intersemiose servirá para os casos em que ocorre o processo de hibridização entre as linguagens que compõem um gênero (ou estabelecem relação de *relais*, segundo Barthes).

A contribuição da semiótica, sobretudo na obra de Santaella (2001) acerca das linguagens híbridas, serviu para compreender melhor as relações entre os diferentes tipos de linguagens encontrados nos materiais impressos, a saber: a linguagem visual, a linguagem verbal-visual e a linguagem visual-verbal, revistas sob a perspectiva enunciativa-discursiva na construção de gêneros que utilizam diferentes aportes sígnicos em sua forma composicional.

O corpus da investigação é composto por livros que participaram do PNLD/2008 (5ª a 8ª séries) e que apresentaram maior quantidade de

gêneros discursivos multimodais/multissemióticos em suas coletâneas de textos. Apresentaremos, por fim, a discussão sobre a terminologia da pesquisa, partindo dos prefixos uni-, multi-, inter- e trans- e suas implicações para futuras pesquisas voltadas para questões de leitura de gêneros verbais e não-verbais.

2. Pesquisa em Linguística Aplicada

A Linguística Aplicada, área em que esta pesquisa se desenvolve, carregou a adjetivação "aplicada", por muito tempo, como uma herança teórica e metodológica da Linguística dita teórica, cabendo à Linguística Aplicada, desde a década de 1950, um campo de aplicações e verificações das teorias linguísticas. O trabalho do linguista era restrito ao de um mero aplicador de saberes advindos da tradição estruturalista e positivista, com apelo à uma busca objetiva pela verdade científica baseada em uma forte crença na consolidação de teorias hegemônicas.

A partir da década de 1990, a LA passou a se preocupar com problemas da linguagem enfrentados por comunidades de falantes, segundo questões sociais relevantes que exigissem respostas teóricas e benefícios sociais como resultado de suas pesquisas. Essa abordagem crítica sobre a linguagem teve, como base, a interpretação sócio-cultural ou sócio-histórica sobre os participantes das comunidades pesquisadas, compreendendo-os como sujeitos múltiplos, contraditórios e construídos dentro dos diferentes discursos (PENNYCOOK, 1998, p. 23-25).

Ao considerarmos a Linguística Aplicada (LA) como Ciência Social Aplicada (MOITA-LOPES, 1998) ou como disciplina que investiga a linguagem em uso nos variados campos da sociedade, que são, portanto, de natureza complexa (SIGNORINI, 1998), faz-se necessário refletir primeiramente acerca dos paradigmas e das metodologias científicas empregadas pela LA para a abordagem de seus objetos de pesquisa e, conseqüentemente, sobre a integração de outras disciplinas para se compreender os fenômenos linguísticos e discursivos próprios de cada objeto de pesquisa. Ainda que sejam tomadas as teorias das disciplinas de referência (ou mesmo seus objetos), a LA passou, recentemente, a reconfigurar os conceitos em uma perspectiva transdisciplinar de pesquisa de acordo com o contexto de investigação e a partir do objeto de pesquisa. O olhar reconfigurado das teorias permite, assim, uma nova visão sobre o objeto, sem que as reformulações teóricas sejam "coincidentes nem redutíveis às contribuições das disciplinas de referência" (SIGNORINI, 1998: 99).

Nas duas últimas décadas, a ampliação e o acesso das tecnologias digitais, associados ao processo de globalização, trouxeram mudanças significativas nas relações entre os falantes que envolvem linguagem e cultura, além de novas necessidades de letramentos apontadas por Rojo (2007:2-3, a sair): a dinâmica da circulação da informação em meio digital que altera a maneira de ler, escrever e circular textos socialmente; a redução das distâncias espaciais e temporais, *desenraizando as populações e desconstruindo identidades*, e, finalmente, a expansão do conceito de leitura a partir das novas possibilidades hipermediáticas do texto eletrônico que, vistas de forma mais ampla, alteram a relação do leitor com as já existentes formas de leitura e suas diferentes modalidades. Segundo a autora, "esses textos multissemióticos extrapolararam os limites dos ambientes digitais e invadiram também os impressos (jornais, revistas, LDs)" (ROJO, 2007:3, a sair).

Nesse sentido, a pesquisa sobre o livro didático e as abordagens da leitura de textos multissemióticos apresentadas pelos LDP nacionais se torna um objeto genuíno a ser tematizado em Linguística Aplicada, por possibilitar uma investigação que é relevante socialmente na medida em que está intimamente relacionada à construção dos letramentos em língua materna e às recentes necessidades acarretadas pelas novas tecnologias de textos, envolvendo diferentes abordagens teóricas para a sua compreensão (tanto diante do uso das linguagens visuais presentes nas coletâneas das obras didáticas quanto pelo trabalho pedagógico de leitura apresentado pelos autores/editores). Tal investigação pode também ter impacto em mudanças sociais, ao realizar uma proposição de critérios de avaliação mais precisos para as futuras edições do PNLD e ao colaborar para a elaboração de perspectivas de trabalho com a leitura escolar de textos multissemióticos.

3. Modalidades da língua e outras semioses

Passamos, assim, a discutir as origens e limitações dos termos e dos conceitos estudados pelas teorias linguísticas que envolvem diferentes *modalidades* de representação da língua, bem como a expansão do conceito de modalidade para a compreensão dos fenômenos que ocorrem em outras semioses.

Segundo Rojo (2001: 54), a partir do conceito de modalidades de língua, muitos autores apontam para os traços distintivos entre a escrita e a fala a partir de suas materialidades (som e grafia), determinando aspectos mais intimamente relacionados à produção e à recepção. Essa visão dicotômica entre as modalidades oral e escrita da língua gerou muitos mitos, entre eles o de que a escrita seria capaz de fazer atingir estágios mais complexos e desenvolvidos da cultura e da organização cognitiva do indivíduo. Em uma palavra, fala

e escrita, tradicionalmente seriam vistas como “modalidades” dicotômicas e estanques da língua.

Como forma de superar o paradigma da dicotomia entre modalidades, Marcuschi (2000) buscou relativizar os dois pólos sugerindo um *continuum tipológico* entre as modalidades da língua, baseado nas práticas sociais de produção textual. Essa abordagem está embasada nas teorias de gêneros textuais e considera a fala e a escrita como sendo parte de um mesmo sistema da língua. A seguir, apresentamos a quadro esquemático (Figura 1) proposto pelo autor acerca do contínuo dos gêneros textuais (ANEXO I - Figura 1: Fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais (MARCUSCHI, 2000: 38))

Nesta figura, os dois domínios linguísticos[1],fala e escrita, muitas vezes se entrecruzam sob muitos aspectos, chegando a constituir domínios mistos, segundo o autor. Assim, em GF1 teríamos uma conversa cotidiana prototípica, com menor influência das normatizações e organizações do texto escrito, enquanto em GE1 seria possível englobar os textos escritos e os eventos em que a fala é mais estruturada e próxima da escrita (tais como apresentações acadêmicas em congressos ou noticiários televisivos). Embora tenha relativizado a dicotomia entre as modalidades, a hipótese do *continuum* de Marcuschi ainda pressupõe a existência de dois pólos distintos – homogêneos e prototípicos[2].

Ainda, segundo o autor, do ponto de vista semiológico, a fala e a escrita podem apresentar peculiaridades e diferenças, de tal modo que a escrita não representa a fala. Essa última, por sua vez,realiza-se de maneira **multissistêmica** (palavras, gestos, mímica etc.) enquanto os textos escritos, segundo o autor, "também não se circunscrevem apenas ao alfabeto (envolvem fotos,ideogramas, por exemplo, os ícones do computador e grafismos de todotipo)" (MARCUSCHI, 2000: 39).

No caso da leitura de imagens que se relacionam a textos verbais escritos (ou dos elementos multissistêmicos, segundo Marcuschi), muitos estudiosos mantiveram o paradigma da organização verbal para descrever um sistema de significação não-verbal, aparentemente ainda até os dias atuais. Entretanto, buscamos em uma abordagem interpretativa enunciativo-discursiva um caminho possível que considere a imagem como linguagem e como gênero discursivo, a partir da mútua constitutividade entre as modalidades verbal e visual na elaboração de gêneros nos quais a forma composicional é responsável por organizar a disposição dos elementos a serem lidos/vistos nos materiais impressos, no caso desta pesquisa.

Ao relativizar as fronteiras do verbal e do não-verbal, Frade (2004) considera que apesar de não se tratar de um código, como ocorre com a linguagem verbal, a imagem possui suas próprias regras, constituídas de maneira diferente das da linguagem verbal, que tornam possível determinar uma certa lógica na construção de sentidos, sempre interpretada sob a forma de representação social. Segundo Frade (2004):

apesar de possuir seus próprios códigos, a imagem conjugada com o texto pode alterar sobremaneira os significados, tendo em vista que exerce uma forte influência na construção de referentes e, especialmente, quando é relacionada com elementos específicos de cada tipo de suporte, de cada gênero textual, possibilitando, na passagem da imagem para a palavra e da palavra para a imagem, a constituição de um universo simbólico de identificação e de partilhamento de referências. Conseqüentemente, uma certa dicotomia entre texto e imagem pode dificultar análises mais complexas das mensagens. Texto e imagem podem ser definidos separadamente, mas também em relação, sobretudo, quando se conjugam estes dois recursos no produto final dado a "ver" ou "ler". (p. 3)

Para compreender, assim, o objeto central desta pesquisa, apresentamos a seguir uma discussão com a finalidade de delimitar as fronteiras entre os conceitos e as terminologias utilizadas até o momento por outros pesquisadores.

4. Os prefixos uni-, multi-, inter- e trans-

Pesquisas recentes têm apontado para discussões acerca da relação entre as modalidades verbais e outras manifestações de linguagem, sobretudo a visual, em materiais impressos ou em meios digitais. A essa relação tem-se denominado *multimodalidade*, traduzido do inglês *multimodality*. Entretanto, há que se refletir acerca do termo *multimodalidade* de modo a compreendê-lo melhor, uma vez que há um certo desgaste do termo, sendo preciso reconhecer suas limitações. Primeiramente, buscamos separá-lo do prefixo *multi-* para compreender mais precisamente as noções teóricas advindas da semiótica que envolvem o termo *modalidade*.

Na semiótica, o termo *modalidade* é utilizado para denominar as manifestações de diferentes qualidades de percepção sensorial: a verbal, a visual e a sonora. Como exemplo, tomemos o caso das linguagens visuais: a pintura, a fotografia e a imagem produzida digitalmente constituem três modalidades diferentes. Os paradigmas de produção da imagem, neste caso, são classificados de acordo com

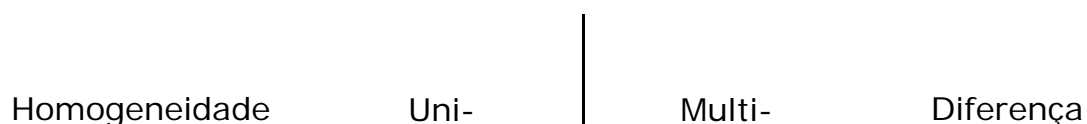
sua materialidade, buscando compreender os instrumentos utilizados para sua produção e sua influência sobre os efeitos de sentido durante o processo de interpretação. Segundo Santaella e Nöth (1999), as modalidades visuais são distribuídas pelo paradigma pré-fotográfico (artesanal: pintura, gravura, desenho), fotográfico (mecanicamente registrado pela câmera) e pós-fotográfico (produzidos pelo computador ou por meio de montagens de imagens).

Nesse sentido, o termo *multimodal* talvez fosse mais apropriado para referir-se à relação entre diferentes modalidades dentro de um mesmo sistema semiótico, seja o verbal (oral e escrito) ou visual (pré-fotográfico, fotográfico e pós-fotográfico).

Dessa forma, pensamos na possibilidade de se usar também o termo *multissemiótico*. Xavier (2004: 175) considera que a multissemiose pode ser definida como os "diferentes aportes sógnicos e sensoriais numa mesma superfície de leitura". Esta definição pode ser aceita quando trabalhamos com materiais impressos, podendo tornar-se questionável em contextos em que o termo "superfície" não seja o mais adequado, como seria o caso de ambientes digitais que fazem uso da matriz sonora e em que as telas não podem ser consideradas exatamente uma superfície ou suporte de linguagens. Nesse sentido, sugerimos que a definição de Xavier sobre a multissemiose seja reconfigurada, passando a considerar que a combinação de diferentes sistemas semióticos durante a composição de enunciados em um gênero discursivo seja entendida como *multissemiose* ou como *intersemiose*, de acordo com as relações de intercalação ou hibridismo, respectivamente, entre as diferentes linguagens envolvidas.

Contudo, seria necessário, ainda, compreendermos os prefixos que acompanham os termos *modalidade* e *semiose*. Buscando reduzir as contradições entre as teorias postas em diálogo, é importante ressaltar que consideramos o fato de que há diferença entre a *natureza/organização* dos gêneros e as *abordagens/formas de interpelação* dos textos. Para dar início a essa discussão, recorreremos ao diagrama de prefixos proposto por Buzato (2007: 29), reproduzido pela Figura 2 (ANEXO 2), a seguir:

Fixidez / Essência



Inter-

Trans-

Mutabilidade / Relação

Figura 2: Relações indicadas pelos prefixos (BUZATO, 2007: 29)

A começar pelo prefixo **uni-** (do latim *unire*, unir, formar um só), combinado com os termos *modalidade* ou *semiose*, teríamos, na verdade, uma ilusão de unicidade causada por um olhar atento apenas a um dos aspectos presentes na linguagem, seja verbal ou visual, ignorando que, por exemplo, a mancha do texto impresso também poderia ser apreendida como imagem. Considerar, nesse caso, a unimodalidade ou a unissemiose de um gênero seria não levar em conta, por exemplo, que a organização da página pode trazer sentidos ao leitor que está diante dela, seja para lê-la ou para vê-la. O prefixo uni- serve-nos para identificar os casos em que as *abordagens/formas de interpelação* realizam fusão ou redução (justificada ou não) das linguagens envolvidas. Assim, o termo *unissemiose* pode ser utilizado, quando for verificada a abordagem de apenas uma das semioses de um texto/gênero, seja verbal ou visual, ou quando os textos, à parte as interferências que recebem do projeto gráfico-editorial adotado para a composição da *mise-en-page* (Chartier, 1996), forem reproduzidos em seu suporte original a partir de uma única semiose.

O prefixo **multi-**(do latim *multus*, mais de um, muitos), combinado com os termos *modalidade* ou *semiose*, pressupõe a diversidade de modos ou de sistemas sígnicos, respectivamente, que um gênero apresenta, mantendo ainda a essência das partes que o compõem. O termo *multissemiose* pode ser utilizado para classificar os gêneros que apresentam diferentes semioses, por exemplo, a verbal na modalidade escrita e a visual em suas diferentes modalidades, sem que ofereçam, contudo, uma abordagem de inter-relação semiótica na construção dos sentidos do gênero discursivo. O termo também pode ser adotado quando os gêneros apresentados nas coleções didáticas, à parte as interferências que recebem do projeto gráfico-editorial adotado para a composição da *mise-en-page*, forem reproduzidos em seu suporte original a partir de mais de uma semiose.

O prefixo **inter-**(do latim, *inter-*, entre) combinado com os termos *modalidade* ou *semiose* permite-nos refletir acerca da relação entre os elementos que constituem um texto em um gênero. A *intermodalidade* pode ser compreendida como a inter-relação entre

as modalidades de um mesmo sistema sóico sob a forma de intertexto ou interdiscurso. As relações possíveis de intermodalidade podem ocorrer no nível temático (intertextualidade temática) ou no nível discursivo (interdiscursividade, no caso de paródias ou releituras). De maneira semelhante, a intersemiose pode ser encontrada em gêneros que estabelecem relações entre diferentes sistemas sóicos (advindos das matrizes verbal, visual e sonora) ao explorarem relações de intertexto e interdiscurso em diferentes semioses.

Em relação ao prefixo **trans-** (do latim, *além de, através, para trás, em troca de* ou *ao revés*) poderia ser brevemente delineado como sendo a transposição das fronteiras existentes entre as modalidades ou entre as semioses na composição de um texto em um gênero, provavelmente em situações de transformação de uma mídia para outra. Atualmente, a *transemiótica* é um termo utilizado em estudos acerca da tradução (ou adaptação) de livros literários para obras audio-visuais cinematográficas. Santaella (2001: 380) não chega a utilizar o termo *transemiótica*, mas sugere reflexões que poderão ser aprofundadas em trabalhos futuros, sobretudo naqueles que buscarem refletir acerca das traduções ou transposições de mídias diferentes. Segundo a autora, "potencial tradutor de uma mídia pela outra também cria constelações bastante curiosas. Que estatuto lógico-semiótico tem, por exemplo, o texto de uma peça de teatro shakespeariano ao ser traduzido para o cinema, para ser gravado em vídeo e assistido em casa?"

Assim, os textos que compõem as coletâneas de LDP poderão ser analisados, nesta pesquisa, a partir da investigação da natureza das semioses (uni-, multi-, inter-), na construção de sua forma composicional, responsável por efeitos de sentido que podem (ou não) ser abordados/interpelados nos encaminhamentos de leitura dados pelos autores de LDP.

Em suma, tais categorias não são estanques para classificar nosso objeto de pesquisa e, menos ainda, não se trata de um modelo imutável para qualquer outro tipo de material em futuras pesquisas. Servem-nos somente para oferecer maior visibilidade sobre a natureza semiótica da forma de composição dos gêneros das coletâneas.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In:_____. Estética da Criação Verbal, 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1952-1953/1979]. Pp. 261-306.

BARTHES, R. A Mensagem Fotográfica. In: O óbvio e o obtuso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. Original publicado em 1961 em *Communications*. Pp. 11-25

_____. A Retórica da Imagem. In: O óbvio e o obtuso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. Original publicado em 1964 em *Communications*. Pp. 27-43.

BUZATO, M. K. Entre a fronteira e a periferia: linguagem e letramento na inclusão digital. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas: Unicamp. 2007.

FRADE, Isabel C.A.S. Imagem, texto e elementos de composição como recursos expressivos de estruturação de revistas pedagógicas, 2004. Disponível em: .Acesso em: jan/2006.

FRIEDMAN, S. S. "Border Talk" Hybridity, and Performativity: Cultural Theory and Identity in the Spaces between Difference. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n.61, p.1-17, 2002. Disponível em: <http://eurozine.com/pdf/2002-06-07-friedman-en.pdf> . Acesso em: ago/2008.

GRIBL, H. Atividades de Leitura de Textos em Gêneros Multi- e Intersemióticos em Livros Didáticos de Língua Portuguesa. 2009, 145p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

KRESS, G. Literacy in the new media age. London and New York: Routledge, 2003, 186p.

LEMKE, J. L. (2002) Travels in Hypermodality. City University of New York, working draft, Disponível em: <http://www-personal.umich.edu/~jaylemke/papers/hypermodality/index.htm>. Acesso em jul/2008.

MARCUSCHI, L. A. Da fala para a Escrita: atividades de retextualização. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2004 [2001], 134 p.

MOITA-LOPES. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: SIGNORINI, I. & CAVALCANTI, M.(orgs.), Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas, Campinas: Mercado de Letras, 1998, pp. 113-128.

PENNYCOOK, A. A Linguística Aplicada nos anos90: em defesa de uma abordagem crítica. Trad.Denise B. Braga e M^a Cecília S. Fraga. In: SIGNORINI & CAVALCANTI (orgs.),Linguística Aplicada e transdisciplinaridade:questões e perspectivas,Campinas: Mercado de Letras, 1998, pp. 23-50.

ROJO, R. H. R. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula:diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: MARCUSCHI, A. L. et al.;SIGNORINI, I. (org.). Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2001. Pp. 51-76

_____. Fazer Linguística Aplicada em umaperspectivas sócio-histórica: Privação sofrida e leveza de pensamento. In:MOITA LOPES, L. P. Por uma linguística aplicada indisciplinar,São Paulo: Parábola Editorial, 2006, pp. 253 e segs.

_____. Coletâneas de textos nos livros didáticos de Língua Portuguesa: Letramentos possíveis. In: COSTA VAL, M.G. & ROJO, R. H. R. (orgs.) Alfabetização e letramento: o que ensinam os livros didáticos?. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE, (2007) a sair.

SANTAELLA, L. & NÖTH, W. Imagem: cognição, semiótica, mídia. 4a. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005, 224 p.

SANTAELLA, L. Matrizes da linguagem e pensamento: Sonora, Visual, Verbal. 3. ed., São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2001,432 p.

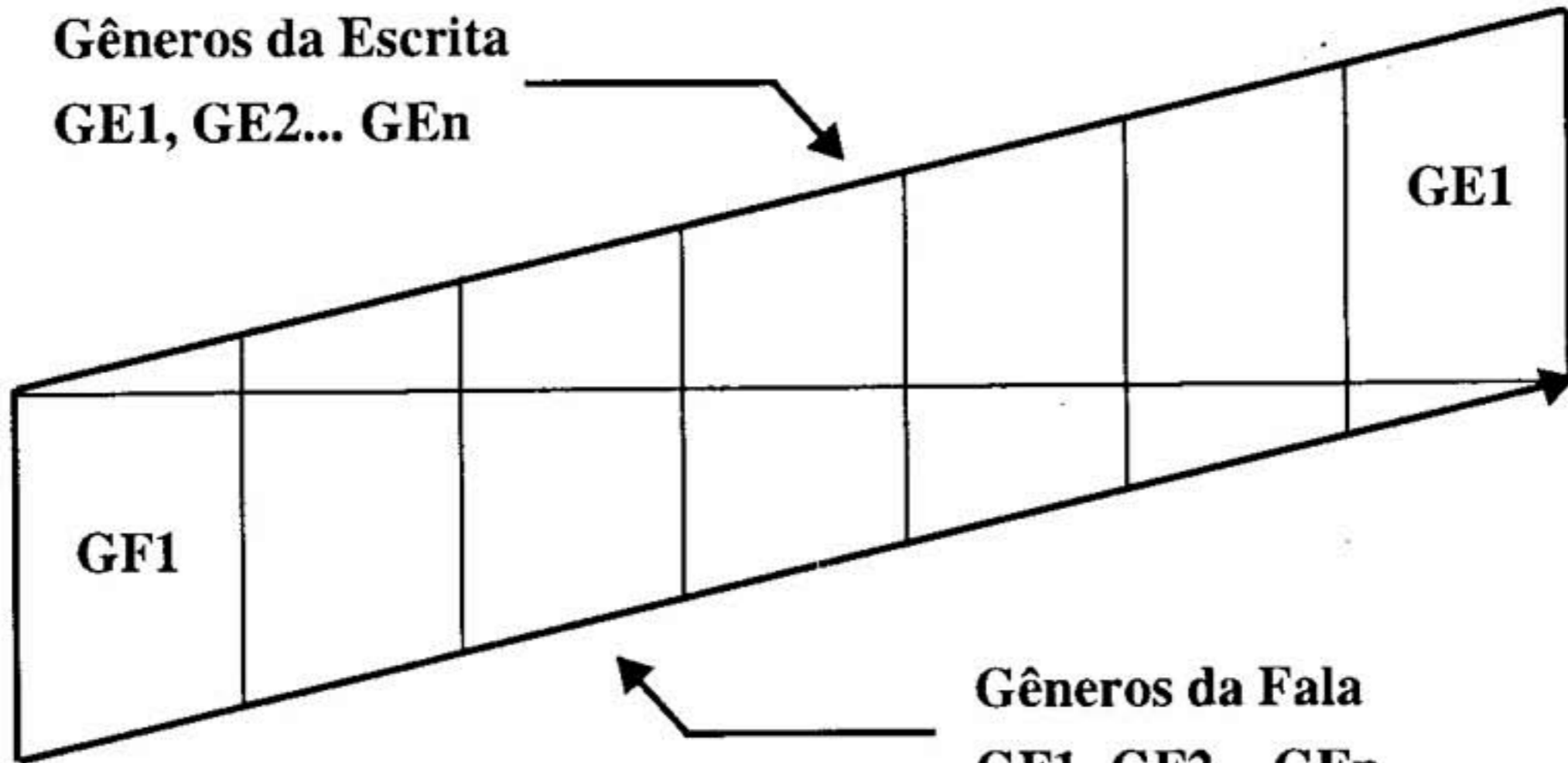
SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em linguística aplicada. In: SIGNORINI & CAVALCANTI (orgs.), Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas, Campinas: Mercado deLetras, 1998, pp. 99-110.

XAVIER, A. C. S. Letramento digital e ensino. In: SANTOS, C et al. (Orgs.). Alfabetização e letramento: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v. 1, Pp. 133-148. Disponível em: Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2008.

[1] Embora não concordemos com o termo “domínio linguístico”, a utilização do mesmo foi realizada pelo próprio autor, Marcuschi (2000, p. 38).

[2] Provavelmente, estaria de acordo com o modelo 2 de Friedman (2002).

Gêneros da Escrita
GE1, GE2... GEn



ESCRITA

FALA

GF1

GE1

Gêneros da Fala
GF1, GF2... GFn

		Fixidez / Essência			
Homogeneidade		Uni-		Multi-	Diferença
		Inter-		Trans-	
		Mutabilidade / Relação			

Figura 2: Relações indicadas pelos prefixos (BUZATO, 2007, p. 29)